

Tânia Ganho, *O Meu Pai Voava*, D. Quixote, 2024, 189 pp.

José Vieira
CLEPUL-Universidade de Lisboa
Università Degli Studi di Padova
jose.vieira@unipd.it
orcid.org/0000-0003-2117-9575

A memória é a âncora em que assenta a nossa história. Feitos de memórias, e também de histórias, todos nós somos fruto e resultado de diversas recordações – pessoais, familiares e comunitárias. Sem elas, o passado e o presente seriam indefinidos, quais nebulosas narrativas e biográficas. A escrita e a ficção, quando aliadas à memória, ou quando utilizam a memória como pretexto para a narrativa, têm um poder catártico, revelador e também terapêutico.

Publicado em 2024, *O Meu Pai Voava*, de Tânia Ganho, relata a experiência da morte do pai e, por isso, reflete sobre a realidade traumática do luto e da perda de um ente querido.

Como tradutora e escritora, Tânia Ganho parece partir em vantagem para a realidade da morte, visto ter à sua disposição uma série de livros e autores que a podem ajudar a enfrentar a dura vivência do luto. Com efeito, e embora tendo lido “Joan Didion, Joyce Carol Oates, Julian Barnes, Chimamanda Adichie, Rosa Montero, Imma Monsó”, e aprendido que o luto é uma “onda que se despenha sobre nós quando menos esperamos” (79), a verdade é que a autora é atravessada por uma dor e angústia lancinantes, revelando, assim, que jamais estamos preparados para a morte e para o trauma consequente do luto.

O Meu Pai Voava, mais do que um livro de memórias, como se pode ler na badana, é uma narrativa autoficcional biográfica, uma que vez que revisita episódios da vida passada da autora à luz da realidade atual, sem seguir uma linha cronológica ordenada e sem ter como propósito dar um sentido ao passado da vida para o texto, mas sim criar um sentido do texto para a vida e, deste modo, ao tempo presente.

Assim, o nosso é o tempo da autoficção, esse género, subgénero ou estratégia narrativa que não se coaduna com códigos ou pactos de leitura unilaterais e rigorosos, permitindo ao escritor criar a sua verdade subjetiva, ao mesmo tempo que disponibiliza ao leitor ferramentas para também construir o sentido próprio do texto. Biográfica ou fantástica, especulativa ou intrusiva – ou nada disto e tudo isto por partes e/ou em simultâneo –, a autoficção tem

ainda uma importante função terapêutica, sendo, por isso, uma estratégia narrativa que pode contribuir para melhor viver a experiência do luto, da doença, da guerra ou de outra situação traumática. Partindo de uma escrita pessoal e íntima, a autoficção aproxima a vida do texto, fazendo deste último a realidade primeira. Ao misturar, qual *blend*, realidade e ficção, a narrativa autoficcional contribui para a criação de “a new form of cultural memory” (Dix 2023: 8), na medida em que pode ajudar o escritor, e também o leitor, a estar mais consciente da contingência da nossa experiência do e no mundo.

Com uma linguagem enxuta, às vezes quase cruel e fria, mas transversalmente inundada de amor, de saudade e por um sentimento de gratidão, o livro retrata o processo do luto da morte do pai de Tânia Ganho, vítima de Alzheimer, falecido a 24 de fevereiro de 2024. Escrito em cerca de três meses, *O meu Pai Voava* pode ser visto como um diário de superação ou de aprendizagem da vida depois da morte de um ente querido. No caso, o pai de Tânia Ganho, reputadíssimo urologista da cidade de Coimbra.

Se, por um lado, pouco parece importar o facto de Tânia Ganho ser escritora e tradutora, visto que essa experiência não trouxe frutos ou vantagens na vivência do luto, por outro, o leitor apercebe-se rapidamente da importância da escrita como finalidade terapêutica. Ainda que, a princípio, Ganho afirme que “não queria escrever sobre mim, sobre os meus sentimentos. (...) Queria escrever sobre o luto sem que o fulcro fosse eu” (10), a verdade é que a obra não escapa à escrita pessoal e intimista, em primeira pessoa, refletida na seguinte interrogação que contrapõe o que vinha sendo redigido: “Será possível falarmos de luto sem falarmos de nós?” (10)

Ultrapassada essa primeira barreira, a autora encontra na escrita e na reflexão metaliterária que dela faz, qual processo de maiêutica, tão ao gosto da narrativa autoficcional, o caminho, o meio, a plataforma, enfim, o lugar onde pode transmitir em palavras aquilo que pensa e sente, ainda que de forma aparentemente incompleta e inacabada. Latejante e enternecedora, a escrita de Tânia Ganho em *O Meu Pai Voava* é feita de afeto e de memória, de dor e de amor, de saudade e de uma procura daqueles momentos passados que se tornam presença garrida na escrita presente. “Redijo umas linhas e publico-as *online* nas redes sociais. Escrevo a correr, como quem foge. (...) É o meu pai em cada palavra, e a realidade da sua ausência engole-me e revolve-me, sou roupa aos tombos no tambor de uma máquina de lavar.” (10) A escrita apodera-se da autora e narradora de uma forma prodigiosa, ainda que em tons à primeira vista lunares: “desde que o meu pai morreu, não paro de escrever dentro de mim.” (75)

Várias são as interrogações que vão surgindo ao longo do livro que não tem capítulos numerados, apenas parágrafos separados pelo espaço em branco que dá lugar a uma nova página. O passado encontra-se com o presente e a autora recorda os tempos de juventude e a revolta natural de uma rapariga a braços com o mundo e com os adultos que não parecem compreender os desafios da puberdade. E nesse passado surge o pai envolto em sentimentos entre a revolta, a raiva e a vergonha: “Por vezes, na adolescência, desejei que o meu pai fosse diferente, que fumasse cachimbo e usasse lenço ao pescoço como um ou outro colega dele. Desejei que fosse altivo e contido.” (55)

Como tradutora e escritora, Tânia Ganho tem acesso a uma biblioteca e enciclopédia pessoais vastas e múltiplas, daí não surpreenderem as referências a escritores, fotógrafos e a outras áreas do conhecimento. A literatura naturalmente ocupa um espaço predominante, sobretudo no que diz respeito a autores que escreveram sobre o luto, como já ficou dito. Todavia, é Joan Didion quem surge com mais premência, sobretudo a partir de duas obras: “Joan Didion perdeu o marido e, pouco depois, a filha. (Detenho-me na palavra «perdeu»: a ideia de perder uma pessoa quando ela morre, o sentimento de perda, mas também a noção de extravio.) O primeiro livro que escreveu sobre o luto, *O Ano do Pensamento Mágico*, é um texto lúcido. No segundo, *Noites Azuis*, sobre a morte da filha, sente-se a dor a esgaçar cada frase, cada pensamento.” (77)

Por isso, de um modo elegante e ao mesmo tempo sem condescendências, a escritora recorda o pai genial, mas ausente durante os períodos letivos, o homem brincalhão e engenhocas, mas ao mesmo tempo distraído e controlador. É nesse encontro entre o passado e o presente, ou seja, a ausência, que a autora, partindo do texto, dá uma nova vida ao pai e às memórias que dele tem, criando, assim, pelas palavras, um monumento e uma homenagem ao pai enquanto filha, mas, simultaneamente, enquanto mãe de um jovem apenas chegado à maioridade: “O meu pai morreu dois meses antes de o meu filho atingir a maioridade. Tantos anos definida por esses dois papéis: filha, mãe. Há uma camada que se solta, e depois outra, e a pele que fica exposta é fina e sensível. Pela primeira vez na vida, deixarei porventura que cuidem de mim.” (134) Esse encontro entre o ser filha e a maternidade parece conjugar-se entre o cuidar e ser cuidado, o proteger e o ser protegido, o amar e ser amado. Não é por acaso que, por diversos momentos, os capítulos – chamemos-lhes assim – terminam com interrogações que têm tanto de pessoal como de universal: “O meu pai fazia-me sentir segura, não havia mal que não curasse. Talvez seja essa a definição mais lata de amor paterno, materno. Uma criança amada é uma criança que se sente protegida e invulnerável. Pergunto-

me se, um dia, o meu filho olhará para trás e pensará que o meu amor o fez sentir-se seguro. Se, apesar de tudo, fui o seu porto de abrigo.” (160)

Da dor aflitiva da perda, momento dilacerante das 4 horas do velório – espécie de convenção social do sofrimento e da morte –, que leva a autora a dizer que “a linguagem começou a desintegrar-se” (68), até às memórias do processo de institucionalização do pai num lar, a viagem entre o passado e o presente, a memória e a criação, fica explícita a ideia de que Tânia Ganho vive num misto de medo e angústia, arrependimento e saudade, tudo tendo o amor, a gratidão, o espanto e a admiração como corolário de um livro que é um autêntico manual de sobrevivência à morte de um ente querido.

Assim é a narrativa autoficcional que pode ajudar num processo difícil. Assim é a memória. Assim é – e bendita seja – a linguagem do amor.

Referências

Dix, Hywel (2023). *Autofiction and Cultural Memory*. London and New York: Routledge.